

ENSINO NA SAÚDE: EXPERIÊNCIA INOVADORA DA ODONTOLOGIA

MAKOWSKI, Rose Maria¹
GALLON, Andrea²
ROSA, Roberta Tagliari da³
AMARAL, Roberto Cesar do⁴
ÁVILA, Maurício C. Silveira⁵

Agência Financiadora: não contou com financiamento
Eixo: 6- Processos do Ensino e da Aprendizagem

RESUMO

A perspectiva que norteia o presente relato fundamenta-se no trabalho desenvolvido entre a Assessoria Pedagógica da Área de Ciências Biológicas e da Saúde e o curso de Odontologia, da Universidade do Oeste de Santa Catarina- Unoesc, campus de Joaçaba, mais precisamente com a reestruturação das práticas pedagógicas do curso envolvendo o ensino por competências. O referencial teórico que fundamentou o trabalho foi Bloom (1983), Perrenoud (2000) e Werlang (1999). Foi realizado um projeto piloto com o componente curricular de Prevenção Terapêutica dos Tecidos Duros dos Dentes I (PVTDD I), o qual havia um grande número de reprovações. O componente passou por alterações, com uma proposta pedagógica inovadora para a área da Odontologia, em que o processo de ensino-aprendizagem baseia-se nas habilidades e competências a serem adquiridas pelo acadêmico, em vez de centrá-lo apenas no conteúdo conceitual, exigindo uma organização dos conhecimentos através de níveis, onde o acadêmico desenvolve competências básicas, intermediárias e globais de acordo com as exigências apresentadas e a capacidade de enfrentar situações e acontecimentos referentes a uma atividade. Neste trabalho, foram relatados os resultados de quatro semestres, sendo que 2009/02 e 2010/01 tinham o paradigma de repasse de conteúdos e 2010/02 e 2011/01 com a reestruturação pedagógica mencionada. Um indicador interessante foi quanto ao número de reprovações; 2º semestre 2009: 18 alunos reprovaram, 1º semestre 2010: 15 alunos, 2º semestre 2010: 5 alunos e 1º semestre de 2011: apenas 2 acadêmicos. Nos dois primeiros semestres, o número de alunos reprovados era muito superior e o bom desempenho de cada acadêmico em provas teóricas e práticas a partir do

¹ Assessora Pedagógica da Área de Ciências Biológicas e da Saúde- ACBS- da UNOESC- Joaçaba- SC Mestre em Linguística – UFSC rose.makowski@unoesc.edu.br

² Coordenadora do Curso de Odontologia e doutoranda em Odontopediatria na UNICSUL-São Paulo andrea.gallon@unoesc.edu.br

³ Mestranda em Saúde Coletiva pela São Leopoldo Mandic- Campinas- SP roberta.rosa@unoesc.edu.br

⁴ Mestre em Odontologia - Dentística Restauradora Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR roberto.amaral@unoesc.edu.br

⁵ Doutor em Ciências Odontológicas – Dentística- mauricio.avila@unoesc.edu.br

novo método, indica que o trabalho realizado obteve êxito. Atribui-se esta melhora no desempenho da execução das atividades propostas à adesão da equipe docente, ao manual do aluno e a reorganização dos conhecimentos em uma sequência lógica e gradativa.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Inovação. Odontologia.

1 INTRODUÇÃO

A universidade até bem pouco tempo era considerada uma das únicas fontes de divulgação do conhecimento, as pessoas recorriam a ela para a aquisição, atualização e especialização de informações.

Atualmente, a busca do “saber” não se restringe somente à instituição de ensino, uma vez que diariamente estamos sujeitos a ser surpreendidos com informações novas de que dispõem nossos alunos, as quais nem sempre se tem a oportunidade de ver nos inúmeros sites na internet, assim como o papel do professor como apenas repassador de informações está com os dias contados.

As transformações aceleradas pelas quais a sociedade está passando, pedem práticas pedagógicas flexíveis, que favoreçam o desenvolvimento de competências relacionando conhecimentos, habilidades e atitudes exigidas pelo mercado de trabalho. Há uma necessidade de um novo perfil de formação profissional “que leve em conta o impacto do aparecimento de novas tecnologias, de novas formas de agir e produzir”. (WERLANG,1999).

Ao se mencionar competência, pode-se utilizar como definição o que consta em dicionários, sendo a capacidade de um indivíduo para resolver problemas, ou a capacidade para executar os deveres de uma profissão em geral, ou de executar uma tarefa profissional especial com habilidade de qualidade aceitável. Ser competente, portanto, significa um conjunto de saberes e capacidades que os profissionais adquirem por meio de formação e da experiência, somados à capacidade de integrá-los, utilizá-los e transferi-los em diferentes situações profissionais. (WERLANG,1999).

Um processo educativo deve estar pautado de práticas que não se preocupem apenas com o conteúdo a ser “ensinado”, com as técnicas de ensino e com a avaliação da aprendizagem, esses conceitos são diretamente associados à aprovação e reprovação, e que não contribui para a formação de um profissional completo, devidamente qualificado.

Observam-se, em grande parte das universidades brasileiras, nos mais diversos cursos de Odontologia espalhados pelo país, principalmente nas instituições particulares, um grande número de professores, no quadro de docentes, que não são professores de dedicação

exclusiva, ou seja, estão vinculados a uma universidade, contudo possuem outros vínculos profissionais.

Em virtude destes fatos, a maneira de como o docente organiza, planeja e executa suas ações no processo ensino e de aprendizagem em curso de Odontologia reflete muito no profissional que está sendo formado. Muitas vezes, o educador pensa estar repassando os conteúdos do componente curricular de maneira eficiente e eficaz, no entanto, o desempenho dos educandos em avaliações teórico-práticas não condiz com este contexto.

A informação sobre os resultados obtidos com os acadêmicos deve necessariamente levar a um replanejamento dos objetivos e conteúdos, das atividades didáticas, dos materiais utilizados e das variáveis envolvidas em sala de aula, tais como relacionamento professor-aluno, relacionamento entre alunos e entre esses e o professor.

Foi com esse propósito, que o componente curricular de Prevenção Terapêutica dos Tecidos Duros dos Dentes (PVTDD I) da Universidade do Oeste de Santa Catarina passou por alterações, com uma proposta pedagógica inovadora para a área da Odontologia, em que o processo de ensino-aprendizagem fundamenta-se nas habilidades e competências a serem adquiridas pelo acadêmico, em vez de centrá-lo apenas no conteúdo conceitual, exigindo uma organização dos conhecimentos através de níveis, onde o acadêmico desenvolve competências básicas, intermediárias e globais de acordo com as exigências apresentadas e a capacidade de enfrentar situações e acontecimentos referentes a uma atividade.

O grande desafio é formar profissionais flexíveis, capazes de pensar globalmente, de se comunicar, de resolver problemas, de trabalhar em equipe, de tomar iniciativas, ao invés de serem unicamente repetidores de conhecimento, e assim dar ao aluno, futuro profissional, condições de ingressar e permanecer no mercado de trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Primeiramente há de se considerar que o ensino por competências estimula os alunos a adquirir e desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes. Isso quer dizer que se deve articular o conhecimento (o saber), com a habilidade (saber fazer) e a atitude (o comportamento) por meio de atividades e projetos que integram as várias áreas do conhecimento.

São múltiplos os significados de competência, e, dentre eles, a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. (PERRENOUD, 2000).

Competência é a aplicação prática de conhecimentos, aptidões, habilidades, valores, interesses – no todo ou em parte – com obtenção de resultados. (RESENDE, 2000)

Deffune e Depresbiteris (2000) também arrolam uma série de conceitos, dentre os quais se destacam: Competência é a capacidade de uma pessoa para desenvolver atividades de maneira autônoma, planejando-as, implementando-as e avaliando-as. Competência é a habilidade de alguém usar seu conhecimento para alcançar um propósito. Competência é a capacidade para usar habilidades, conhecimentos, atitudes e experiência adquirida para desempenhar bem os papéis sociais.

A seguir, (BLOOM (1983) *apud* PESTANA, 1999) categoriza as competências em distintos níveis de ações e operações mentais, afirmando que o elemento diferenciador entre elas é o tipo de interação estabelecido entre sujeito e objeto do conhecimento. São eles, o nível básico, nível intermediário e nível global.

No Nível Básico, encontram-se as ações que possibilitam a apreensão das características e propriedades permanentes e simultâneas de objetos comparáveis, isto é, que propiciam a construção dos conceitos.

No Nível Intermediário, encontram-se as ações coordenadas que pressupõem o estabelecimento de relações entre os objetos. Estas competências, que, em geral, atingem o nível da compreensão e da explicação, mais que o saber fazer, supõem alguma tomada de consciência dos instrumentos e procedimentos utilizados, possibilitando sua aplicação a outros contextos.

No Nível Global, encontram-se ações e operações mais complexas, que envolvem a aplicação de conhecimentos a situações diferentes e a resolução de problemas inéditos.

Desta forma, o profissional torna-se holístico, ou seja, tem conhecimento técnico, sabe realizar tarefas e adota atitudes desejadas em relação a questões éticas. Isso, na prática pedagógica é o diferencial, uma vez que o acadêmico desenvolve todas as suas potencialidades.

Assim, todos os processos que envolvem a prática educativa-planejamento à avaliação são de suma importância para a construção do conhecimento e a formação de um profissional de qualidade.

De acordo com Butt (2009),

É de conhecimento geral que as sequências de ensino- e os currículos e especificações a partir dos quais elas são produzidas- precisam ser atualizadas regularmente de modo a garantir a continuidade de sua relevância e aplicabilidade.

Para Hoffmann (2000), avaliar é criar oportunidades de ação/reflexão, num constante acompanhamento pelo docente, que estimulará o estudante a novas questões/problemas, a partir das respostas apresentadas. Nesta perspectiva, a avaliação deve deixar de ser feita somente no momento terminal do processo de ensino e de aprendizagem, para se transformar em momentos constantes de busca da compreensão das dificuldades do estudante e no oferecimento de novas oportunidades de aquisição de conhecimento. Assim, a avaliação se torna essencial no processo de construção do conhecimento, sendo a ele inerente quando estruturado com base na problematização, questionamento e reflexão sobre a ação.

De acordo com Teixeira (2005), a avaliação no processo de ensino e de aprendizagem deve ter as seguintes características:

- a) **contínua e integrada** ao fazer parte do cotidiano do docente, sendo realizada sempre que possível em situações normais, evitando a exclusividade da rotina artificial das situações de provas, na qual o acadêmico é medido somente naquela situação específica, abandonando-se tudo aquilo que foi realizado em sala de aula antes da prova. A observação, registrada, é então de grande ajuda para o docente na realização de um processo de avaliação contínua;
- b) **integral**, sendo realizada tendo em vista as várias áreas de capacidades do acadêmico (cognitiva, motora, de relações interpessoais, de atuação, entre outras) e a situação do destes nos vários componentes curriculares de seu curso;
- c) **formativa**, sendo concebida como um meio pedagógico para ajudar o acadêmico em seu processo educativo.

Cabe mencionar que avaliação não inicia e nem acaba no âmbito da sala de aula, portanto, deve envolver a avaliação do processo pedagógico, ou seja, do planejamento e desenvolvimento do processo de ensino, cobrindo desde a matriz curricular, buscando-se neles indicadores sobre a qualidade de seus principais componentes (tais como objetivos e estratégias de ensino), passando pelo desempenho dos docentes, pela qualidade dos materiais instrucionais e das próprias formas de avaliação da aprendizagem, até a programação do ensino em sala de aula e seus resultados (a aprendizagem produzida nos acadêmicos).

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA

3.1 O COMPONENTE CURRICULAR PVTDD EM 2009/02 E 2010/01 ANTES DO PILOTO

A partir das oficinas de formas de mensuração de conhecimentos, percebeu-se que muitos dos conteúdos do componente curricular de PVTDD estavam dispostos desordenadamente nos planos de ensino ao longo de três semestres, tornando-se confuso para o acadêmico entender e desenvolver um raciocínio lógico seqüencial teórico.

As aulas práticas não eram muito organizadas. Percebeu-se que da forma pela qual estavam dispostas, o acadêmico apenas executava o que estava sendo solicitado sem compreender a importância desta habilidade adquirida em sua futura formação profissional. Vale ressaltar que o componente curricular em questão sempre foi rotulado pelos acadêmicos como difícil, uma vez que havia um grande número de reprovações em todos semestres..

3.2 METODOLOGIA UTILIZADA

Diante da constatação da necessidade de adotar novas estratégias de ensino, o curso de Odontologia da Unoesc, iniciou um processo de reestruturação pedagógica, provocador de mudanças profundas e muita reflexão por parte do corpo docente que atua neste curso. Primeiramente, houve a capacitação docente ao curso de Odontologia, a pedido coordenação, uma vez que já observava a dificuldade dos profissionais da odontologia em mensurar o conhecimento, bem como a constante preocupação com a qualidade de ensino do curso e as avaliações externas, principalmente o ENADE (Exame Nacional de Desempenho do Estudante). Foram realizadas, portanto, oficinas a todos os docentes do curso, enfocando as diretrizes e formas de mensuração do conhecimento. Desta forma, apresentou-se a Taxonomia de Bloom e realizou-se uma reflexão bastante acurada das tendências educacionais no âmbito nacional e internacional, bem como das avaliações externas tão em voga ultimamente.

Posteriormente, realizou-se um projeto piloto iniciado no segundo semestre de 2010 com o componente curricular Prevenção Terapêutica dos Tecidos Duros dos Dentes I (PVTDD-I). Cabe mencionar que o componente curricular PVTDD está distribuído dentro da matriz curricular do curso de Odontologia da Unoesc, campus de Joaçaba em três semestres (PVTDD I-3ª fase, PVTDD II-4ª fase e PVTDD III-5ª fase). Consiste em uma disciplina que trata do estudo das sequelas ocasionadas por lesões cariosas e a forma de tratamento para cada situação específica com o intuito de limitar os danos provocados por estas lesões que acometem às estruturas dentais mineralizadas com o uso de materiais restauradores.

Nos três semestres, tradicionalmente, são empregadas aulas teórico-práticas com as mais variadas técnicas consagradas na literatura odontológica que conduz o acadêmico a

executar uma restauração. Para as aulas práticas de PVTDDI- 3.^a fase, o acadêmico realiza a atividade proposta em manequins e dentes extraídos que simulam uma situação a ser encontrada no atendimento de pacientes. As aulas são organizadas de tal maneira que o aluno tenha o conteúdo teórico e na sequência a parte prática do mesmo assunto. Quando o acadêmico passa a cursar a PVTDD II – 4.^a fase, um conhecimento intermediário é exigido. As aulas são exclusivamente em manequins da mesma forma como ocorria na PVTDD I, porém técnicas de restaurações mais complexas, técnicas de clareamento dental, reconstruções dentais são executadas. Para que o acadêmico tenha um bom aproveitamento o conhecimento básico de restaurações mais simples torna-se fundamental para cursar o quarto período.

Após adquirir embasamento técnico-científico nos dois primeiros semestres, os acadêmicos encontram-se aptos ao atendimento de pacientes. Um conhecimento global deve ser aplicado no diagnóstico, planejamento e execução dos procedimentos restauradores diante da necessidade de cada paciente. Este componente curricular ocorre na 5.^a fase sendo todo o semestre pautado em atendimentos clínicos.

A nova estratégia implantada estruturou e organizou o componente curricular ao longo dos seus três semestres em módulos, bem como todos os conhecimentos foram elencados de forma gradual, relacionando-se às competências, habilidades e atitudes necessárias à construção de um profissional em Odontologia com excelência. Estes foram denominados de acordo com o conhecimento a ser construído e de acordo com a taxonomia preconizada por Bloom em módulo básico, módulo intermediário e módulo global..

Os conteúdos teóricos e práticos inicialmente foram separados em níveis de raciocínio de conhecimento básico, intermediário e global então dispostos em um manual confeccionado pelos professores do componente. Este manual é um instrumento onde constam informações científicas e técnicas bem como todos os deveres dos alunos, métodos de avaliação, materiais a serem utilizados em cada aula, fotos de como organizar sua bancada em cada aula prática, bem como a sequência passo a passo da tarefa proposta para cada dia. É mister observar que o manual não se limita apenas a ser um material didático, mas um instrumento que auxilia o ensino e a aprendizagem, bem como auxilia o professor na mensuração das habilidades e competências desenvolvidas nas aulas práticas.

No nível básico (PVTDD I), os assuntos foram relacionados com o intuito de despertar o conhecimento, permitindo a reprodução exata das informações e a compreensão, onde o educando está apto a elaborar e interpretar os dados das informações recebidas. No nível intermediário (PVTDD II), os conhecimentos foram pautados na aplicação, onde se

faz necessário o uso de uma informação geral para uma situação nova e específica e a análise, onde se preconiza a relação entre os componentes de uma informação através de princípios organizacionais.

Dentro de uma crescente na construção do conhecimento quando se chega ao módulo global (PVTDD III), a síntese permite ao acadêmico reunir informações para compor algo novo é um plano de operações. Por fim, a avaliação faz um julgamento, confronto a partir de critérios que podem ser externos ou internos ao objeto de avaliação. Neste caso, o desempenho dos acadêmicos durante cada módulo foi mensurado através da média de G1 (avaliações teórico-práticas de grau 1, desenvolvidas ao longo do semestre), da média de G2 (avaliação de grau 2, com uma prova teórica - 60% do valor, e, uma prova prática - 40% do valor), bem como da necessidade do aluno realizar a prova final de G3 (avaliação de grau 3 equivalente ao exame final). Importante salientar que os resultados estão computados descritivamente.

Subsequentemente, à implantação do piloto, foi feita uma análise comparativa do desempenho acadêmico em quatro semestres, 2009/02 e 2010/01 antes do projeto piloto e, 2010/02 e 2011/01, posterior ao projeto piloto. Faz-se importante ressaltar que número de alunos do componente curricular de PVTDD I em cada semestre geralmente fica em torno de 30, e, a equipe de professores, composta por especialista, mestre e doutor, manteve-se a mesma em todos os momentos.

Ratifica-se que se trata de uma proposta que se encontra em andamento no curso, devendo ser consolidada em médio prazo para todos os componentes curriculares.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados comparativos do desempenho dos acadêmicos após as mudanças implantadas no componente curricular de PVTDD I referem-se aos semestres de 2009/02 a 2011/01.

Conforme mencionado anteriormente, o desempenho dos acadêmicos durante cada módulo foi mensurado com uma prova teórica (com 60% do valor) e uma prova prática (com 40% do valor). A avaliação foi satisfatória, muito superior às notas dos acadêmicos neste mesmo período em semestres anteriores. O fato dos acadêmicos possuírem o manual do componente curricular em cada aula facilitou muito a construção do conhecimento e sua aplicação prática. Consoante Pestana (1999), as matrizes conceituam as competências, dizendo que as competências avaliadas são as cognitivas, as quais se desdobram em

habilidades instrumentais. Entende-se por competências cognitivas as modalidades estruturais da inteligência, ações e operações que o sujeito utiliza para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer. As habilidades instrumentais referem-se, especificamente, ao plano do “saber fazer” e decorrem, diretamente, do nível estrutural das competências adquiridas e que se transformam em habilidades.

Os Gráficos 1 e 2 mostram as médias das notas dos alunos, de G1, atividades avaliativas abrangendo prova e atividades práticas e, de G2, como sendo uma prova abrangente do componente curricular, observando os semestres de 2009 2 a 2011 1:

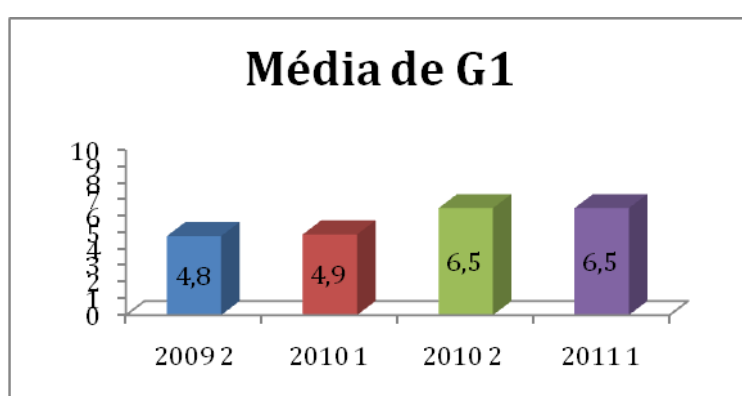


Gráfico 1: Comparativo das médias de G1 dos alunos
Fonte: os autores

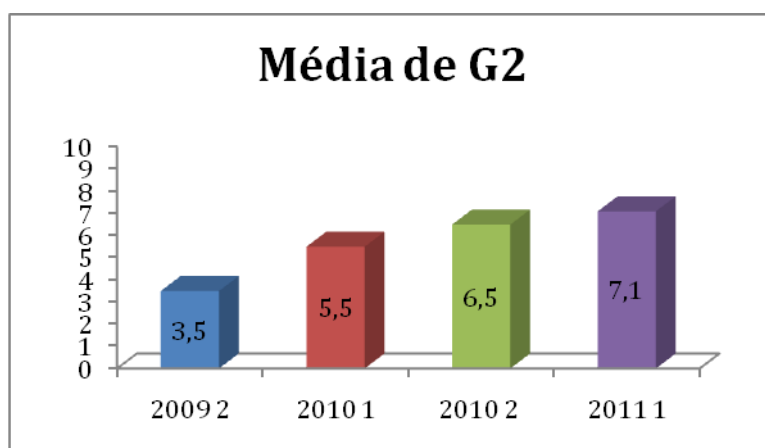


Gráfico 2: Comparativo das médias de G2 dos alunos
Fonte: os autores

Nos gráficos, percebe-se, no segundo semestre de 2010, uma melhora significativa em relação aos dois semestres anteriores. Para a média de G2 o resultado continuou a melhorar no primeiro semestre de 2011 como mostra o gráfico 2. Isto se deu a partir das mudanças feitas na condução do componente pela equipe de professores.

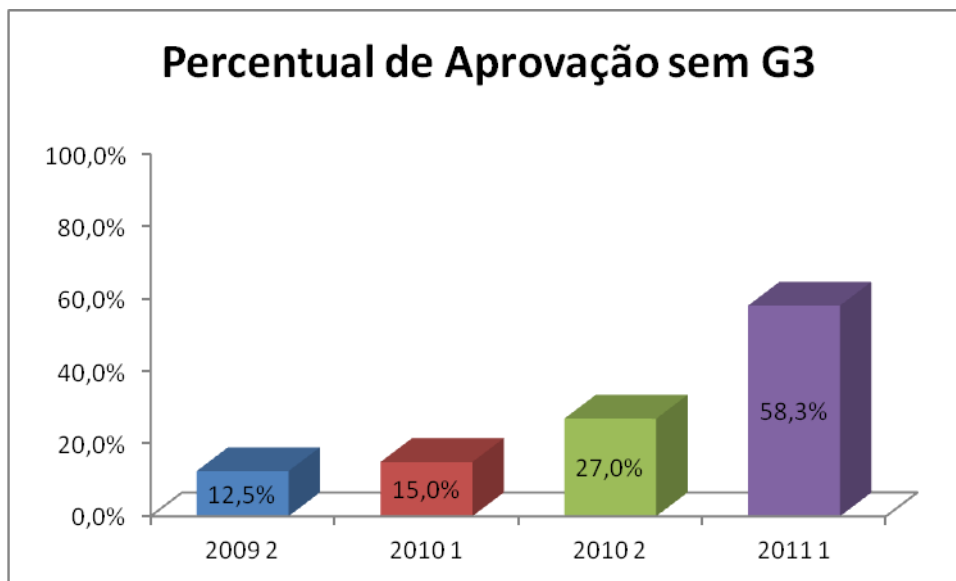


Gráfico 3: Percentual de alunos aprovados sem avaliação de G3.
Fonte: os autores

O gráfico 3 mostra um resultado importante a ser considerado é o fato de que no 2º semestre 2009, 12,5% dos acadêmicos não precisaram fazer a prova de grau 3; 15% dos acadêmicos do 1º semestre 2010 também ficaram isentos de realizar esta prova; 27% dos acadêmicos do segundo semestre de 2010 e ainda 58,3% dos alunos do primeiro semestre de 2011 integralizaram o componente sem a necessidade de realizar a prova de grau 3. Observa-se que houve melhora significativa a partir dos 2º semestre de 2010, consolidando-se em 2011. De acordo com Bloom et al. (1983), as vantagens em utilizar a taxonomia em um componente curricular seria: proporcionar aos acadêmicos as bases necessárias através de instrumentos diferenciados de avaliações para facilitar o aprendizado em diferentes níveis de aquisição do conhecimento, conforme mencionado acima: nível básico, nível intermediário e nível global.

Os resultados deste piloto apontam também para o número de reprovações. No 2º semestre 2009, 18 alunos reprovaram no componente curricular, no 1º semestre de 2010 15 alunos, no 2º semestre 2010, 5 alunos e, no 1º semestre de 2011, apenas 2 acadêmicos não obtiveram êxito. É extremamente relevante atentar para estes dados, uma vez que nos dois primeiros semestres, o número de alunos reprovados foi muito superior, e, o bom desempenho de cada acadêmico em provas teóricas e práticas fazem do trabalho desenvolvido neste piloto, uma atividade de sucesso. Atribui-se esta melhora no desempenho da execução das atividades propostas ao manual do aluno e aos relatórios prévios que eles devem elaborar, pois o acadêmico já vem para aula sabendo muito bem o que ele deve executar. Portanto, planejar é projetar para o futuro, num ato presente, com bases também do passado. "Antes de tudo,

planejar é um processo racional de intervenção na realidade, tendo em vista os objetivos". (WERLANG, 2000). Caracteriza-se como um processo de mudança pessoal, comunitária e institucional. Desta forma, supõe e produz um trabalho em equipe, pois desencadeia uma força conjunta a serviço do bem comum.

3.4 A VISÃO DA EQUIPE DE PROFESSORES

As mudanças implementadas na disciplina de PVTDD I na 3ª fase durante o 2º semestre de 2010, e que continuaram sendo feitas nas Disciplinas de PTTDD II e III nos semestres seguintes, demonstraram resultados muito satisfatórios em relação ao processo ensino e de aprendizagem. Sabe-se que toda mudança, gera uma série de consequências, tanto positivas quanto negativas, até que todos os envolvidos, alunos e professores, estejam adaptados a essa nova metodologia de trabalho.

É muito importante enfatizar aqui neste depoimento, que a primeira sensação é que a reestruturação de toda disciplina daria muito trabalho e não resolveria os problemas corriqueiros de todo o semestre, mas a maneira como foi planejado dentro de uma proposta pedagógica bem trabalhada e todas as aulas teórico-práticas bem planejadas e alicerçadas pelo manual trouxeram resultados surpreendentes como foi demonstrado.

Os professores do componente concordam que o desempenho dos alunos dos dois últimos semestres está muito satisfatório como nunca antes ocorria. Todas as aulas foram ministradas com qualidade dentro do cronograma previsto e praticamente todos acadêmicos, estão no mesmo nível de conhecimento técnico e científico, aptos para iniciarem a 4ª fase com a mesma proposta.

4 CONCLUSÃO

O que conduziu os educadores a reorganizar um componente curricular todo, foi sem dúvida, a necessidade premente de reavaliar o processo de ensino e aprendizagem, assim como devido ao grande número de reprovações em cada semestre estarem se tornando uma constância. As primeiras interrogações advindas da idéia apontaram para o árduo trabalho talvez ser inversamente proporcional à provável resolução dos problemas corriqueiros de todo o semestre. Porém, a maneira como foi planejado, dentro de uma proposta pedagógica bem trabalhada, e, todas as aulas teórico-práticas bem organizadas e alicerçadas pelo manual trouxeram resultados surpreendentes conforme demonstrados neste artigo.

A organização dos conteúdos em módulos foi sem dúvida muito importante, pois permitiu a melhor compreensão e entendimentos dos assuntos ministrados. Isto tornou a atividade docente mais prazerosa e motivadora.

O que seria apenas um material didático acessório, o manual transformou-se, na medida em que ia sendo confeccionado, em um norteador com os tópicos do conteúdo teórico e toda sequência das atividades práticas. Os acadêmicos de imediato aderiram à idéia, e, percebe-se claramente que a atividade prática a ser realizada ficou muito mais estruturada fazendo a construção do conhecimento de forma gradativa.

Outra vantagem significativa vivenciada nesta experiência foi o estímulo dos docentes em auxiliar os acadêmicos em cada nível do conhecimento de maneira gradual a adquirirem competências específicas a partir da capacidade de adquirir habilidades mais simples e na medida em que os módulos vão avançando dominar habilidades mais complexas ao longo de cada semestre.

A formação profissional por competências, por meio de itinerários formativos, deve ser ativamente fomentada mediante uma ampla divulgação das informações sobre os programas disponíveis, contando com a participação dos empregadores e associações profissionais, para que os bons resultados obtidos ao término desses programas sejam reconhecidos de forma a repercutirem na remuneração ou na promoção profissional.

Vale ressaltar que o principal desafio desta proposta foi a resistência dos professores em adotar uma sistemática de expressão dos resultados, na qual aumenta sua responsabilidade, em função de ter de certificar uma competência ao invés de apenas atribuir um escore numérico.

Pode-se dizer que para o professor do curso de Odontologia da Unoesc de Joaçaba, um profissional preparado tecnicamente para promover saúde em seus pacientes, e, que enveredou pelos inóspitos caminhos do ensino superior, esta abordagem permite a visualização do resultado concreto do seu trabalho como docente, e, certamente descortina o universo da educação para um profissional essencialmente pragmático na sua formação, a despeito de qualquer resistência ao método.

Obviamente estes são os primeiros passos de um longo caminho a ser percorrido. Há que se manter o foco, a motivação e a direção. Adequações se farão necessárias ao longo do processo, mas educar é reinventar, é movimentar-se constantemente na busca de excelência para a formação de um profissional competente e comprometido.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Benjamin S.. **Taxonomia de objetivos educacionais; domínio cognitivo**. 8 ed. Porto Alegre: Globo, 1983.

BUTT, Graham. **O planejamento de aulas bem sucedidas**. 2.a Ed. São Paulo: SBS Editora, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mito e Desafio - Uma Perspectiva Construtivista**. 29ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DEFFUNE, Deisi; DEPRESBITERIS, Léa. **Competências, habilidades e currículos da educação profissional: crônicas e reflexões**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PESTANA, Maria Inês Gomes de Sá. **Avaliação educacional - o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica**. In RICO, Elizabeth Melo (Org.). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. 2 ed., São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 1999, p. 53-63.

RESENDE, Enio. **O livro das competências: desenvolvimento das competências: a melhor auto-ajuda para pessoas, organizações e sociedade**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

TEIXEIRA, Gilberto. **Avaliação da aprendizagem**. 2005. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=4&texto=92>>. Acesso em: 19 setembro. 2011.